B. Wojtyla aprovou ex cathedra heresias?

Certos pensadores, obrigados a admitir a evidência de que Wojtyla professa heresias, ainda assim tentam salvá-lo, alegando que ele seria papa apesar de suas heresias. Eis o raciocínio deles: ele teria "apenas" (apenas! Como se fosse uma trivialidade...) desviado como um simples particular, mas não como um doutor ensinando *ex cathedra.*

Esse raciocínio é baseado em uma análise incorreta da situação. Pois Wojtyla utilizou (pelo menos uma vez) sua autoridade como doutor *ex cathedra* para impor heresias. Ele aprovou *ex cathedra* o *Catecismo da Igreja Católica,* que contém heresias em vários pontos. Este catecismo contém várias heresias: evolucionismo, abandono do *Filioque,* direito à insurreição, liberdade religiosa, deicídio. Tomemos, por exemplo, a apresentação do deicídio pelo *Catecismo da Igreja Católica,* para demonstrar a HERESIA FORMAL de quem o redigiu e de quem o aprovou.

Vamos primeiro resumir a doutrina cristã sobre o deicídio. Quem é responsável pela morte de Jesus? Ouçamos o ensinamento da Igreja Católica. "Eles afiaram as suas línguas como uma espada" [Salmo 63]. Que os judeus não digam: "Nós não matamos Cristo". É verdade que eles o entregaram ao juiz Pilatos, para parecerem, de alguma forma, inocentes de sua morte. Pois Pilatos, tendo-lhes dito: "Fazei-o morrer vós mesmos", eles responderam: "Não nos é permitido matar ninguém". Eles queriam rejeitar a injustiça de seu ato sobre a pessoa do juiz; mas poderiam eles enganar a Deus, que também é juiz? Pilatos foi participante de seu crime na medida do que ele fez; mas se comparado a eles, ele é encontrado muito menos culpado. Pois ele insistiu tanto quanto pôde para livrá-lo de suas mãos; e foi por isso que ele o mostrou a eles após a flagelação. Ele fez Jesus ser flagelado não com a intenção de perdê-lo, mas porque queria apaziguar a fúria deles, esperando que, ao ver o estado em que ele estava depois da flagelação, eles se suavizassem e desistissem de querer matá-lo. Então, isso é o que ele fez. Mas quando os judeus persistiram em sua perseguição, vocês sabem que ele lavou as mãos e declarou que não era o autor dessa morte, e que ele permanecia inocente. Mesmo assim, ele o fez morrer, mas se ele é culpado por tê-lo condenado, mesmo que relutantemente, eles são inocentes, aqueles que o obrigaram a obter essa condenação? De modo algum. Pilatos pronunciou a sentença contra Jesus, ordenou que fosse crucificado, e o imolou como se fosse ele mesmo; mas foram vocês, ó judeus, que realmente o mataram. Como vocês o mataram? Com a espada de suas línguas, pois afiaram suas línguas. E quando o feriram, senão quando gritaram: "Crucifica-o, crucifica-o"? (Matinas da Sexta-feira Santa, sexta lição, retirada do *Tratado sobre os Salmos (Salmo 63)* de Santo Agostinho).

Esta lição de Santo Agostinho, aprovada pela Santa Igreja, está em conformidade com a Revelação. Aqui estão alguns trechos das Sagradas Escrituras que confirmam isso.

Pilatos perguntou aos judeus: "Então, que farei de Jesus, que é chamado Cristo?". Todos eles responderam: "Crucifica-o!". O governador replicou: "Mas que mal ele fez?". E eles começaram a gritar ainda mais alto: "Crucifica-o!". Pilatos, vendo que não conseguia nada, mas que, se continuasse a tentar salvar Jesus, o tumulto aumentaria ainda mais, trouxe água, lavou as mãos diante de todo o povo, e disse: "Estou inocente do sangue deste justo; vede isso por vós mesmos". E TODO O POVO respondeu: "Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mateus 27:22-25).

Que os judeus tenham pedido a crucificação de Jesus não é apenas evidente no trecho de São Mateus citado acima, mas também nos relatos de São Marcos (15:11-14), São Lucas (23:18-23) e São João (19:6-15). No Evangelho segundo São João, encontramos não apenas os mesmos gritos ("Crucifica-o!"), mas também um diálogo muito instrutivo entre Jesus e Pilatos. Falando a Pilatos, Nosso Senhor ele próprio (!) define claramente o grau de responsabilidade dos judeus e de Pilatos: "Aquele que me entregou a ti cometeu pecado maior do que o teu, que me condenas por fraqueza" (João 19:11).

O primeiro papa, São Pedro, dirigiu-se assim ao povo judeu: "Homens de Israel [...] Jesus de Nazaré, varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este, que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos [...]. Deus o ressuscitou, soltando-o dos grilhões da morte" (Atos dos Apóstolos 2:22-23, 36).

Ao pregar em Antioquia da Pisídia, o apóstolo São Paulo exclamou na sinagoga: "Os moradores de Jerusalém e os seus príncipes [...] não tendo achado nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto" (Atos dos Apóstolos 13:27-28). O mesmo apóstolo escreveu aos fiéis de Tessalônica: "Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles, os quais mataram também o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens; impedindo-nos de anunciar aos gentios a salvação, para encherem sempre a medida dos seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim" (1 Tessalonicenses 2:14-16).

Agora, mostremos a contradição entre a doutrina cristã e o ensinamento da Igreja conciliar. Os conciliares negam que os judeus sejam responsáveis pelo deicídio (Nostra aetate, § 4). A lição litúrgica da Sexta-Feira Santa, que afirma expressamente que os judeus são os instigadores da crucificação de Jesus, foi suprimida. O Catecismo da Igreja Católica (nº 597) nega explicitamente que os judeus sejam responsáveis pelo deicídio: "Não se pode atribuir a responsabilidade global aos judeus de Jerusalém".

Vamos agora provar que os autores deste catecismo são hereges. Estes autores são hereges porque contestam a Sagrada Escritura. São hereges porque eles próprios indicam várias referências bíblicas, mas ensinam exatamente o oposto do que é claramente afirmado nesses textos bíblicos!

"Considerando a complexidade histórica do processo de Jesus manifestada nos relatos evangélicos, e seja qual for o pecado pessoal dos atores do processo (Judas, o Sinédrio, Pilatos), que só Deus

conhece, não se pode atribuir a responsabilidade ao conjunto dos judeus de Jerusalém, apesar dos gritos de uma multidão manipulada e das críticas globais contidas nos apelos à conversão após o Pentecostes" (Catecismo da Igreja Católica, nº 597).

Esta frase do catecismo inclui, em nota de rodapé, 9 referências escriturísticas (Marcos 15:11; Atos dos Apóstolos 2:23, 36; 3:13-14; 5:30; 7:52; 10:39; 13:27-28; 1 Tessalonicenses 2:14-15). Os autores, apesar de se referirem a esses textos, contradizem-nos formalmente, negando a responsabilidade dos judeus "apesar" dos gritos da multidão judaica e "apesar" das críticas globais que os apóstolos dirigiram ao povo deicida após o Pentecostes. Os autores do catecismo reconhecem que sua teoria contradiz a Sagrada Escritura, já que eles próprios usam a palavra "apesar". O termo "apesar" e as 9 referências bíblicas provam que eles sabem que sua tese é contrária à Revelação. SUA HERESIA FORMAL é assim evidente. Pois se uma verdade é revelada, "manter uma opinião falsa sobre esses assuntos é, *por si só*, incorrer em heresia, especialmente se for feito com obstinação" (São Tomás de Aquino: Summa Theologiae, I, q. 32, a. 4). A obstinação dos autores do Catecismo da Igreja Católica é particularmente grave, pois eles se opõem ao discurso de São Pedro *no dia de Pentecostes*, e portanto, ao próprio Espírito Santo! O Espírito Santo disse pela boca de São Pedro: "Homens de Israel [...] vós o crucificastes".

Além disso, a Igreja definiu que os judeus são deicidas (matinas da Sexta-feira Santa, sexta lição). Os redatores do Catecismo da Igreja Católica (C.E.C.), de certa idade, celebraram por décadas na liturgia antiga; portanto, eles conhecem a sexta lição da Sexta-feira Santa, mas a contradizem obstinadamente. "Uma vez que a Igreja definiu que esta posição leva a uma consequência contrária à fé, o erro nesta matéria não está mais isento de heresia. [...] Aquele que, nesta questão, mantiver uma opinião falsa, percebendo que ela leva a uma consequência contrária à fé, cairá no pecado da heresia" (São Tomás de Aquino: Summa Theologiae, I, q. 32, a. 4).

Os redatores do C.E.C., assim como Wojtyla que o aprovou, são, portanto, hereges. Vamos agora provar que Wojtyla aprovou este catecismo pseudo-católico não apenas como "simples particular", mas como "doutor falando ex cathedra".

Wojtyla (constituição apostólica Fidei depositum, 11 de outubro de 1992) impôs ex cathedra à Igreja universal o Catecismo da Igreja Católica. "O Catecismo da Igreja Católica, que eu aprovo no último dia 25 de junho e hoje ordeno a publicação em virtude da autoridade apostólica, é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, confirmada ou iluminada pelas Sagradas Escrituras, pela Tradição apostólica e pelo magistério eclesiástico. Eu o reconheço como [...] uma norma segura para o ensino da fé. [...] A aprovação e a publicação do C.E.C. constituem um serviço que o sucessor de Pedro quer prestar à Santa Igreja Católica [...]: o de sustentar e confirmar a fé de todos os discípulos do Senhor Jesus (cf. Lucas 22). [...] Portanto, peço aos pastores da Igreja e aos fiéis que recebam este catecismo [...], que lhes é dado para servir como um texto de referência seguro e autêntico para o ensino da doutrina católica". Os termos utilizados implicam a infalibilidade: como "sucessor de Pedro", em virtude de sua "autoridade apostólica", Wojtyla "pede" a "todos" os fiéis que recebam este catecismo como uma "norma segura" da fé católica.

Wojtyla aprovou ex cathedra um catecismo herético. Portanto, como poderia ele ser o Vigário de Cristo?

Wojtyla nega vários artigos do Credo. Abaixo estão alguns exemplos de textos heréticos. Esta é uma lista não exaustiva de erros na fé cometidos por Wojtyla. Eles serão apresentados metodicamente, seguindo a ordem adotada pelo Credo de Niceia-Constantinopla.

---

[1] A diferença entre "herege formal" e "herege material" é explicada no Apêndice C.

Revision #1
Created 3 July 2024 02:47:41 by Admin
Updated 3 July 2024 02:48:07 by Admin